
ἄρχαί

AS ORIGENS DO PENSAMENTO OCIDENTAL
THE ORIGINS OF WESTERN THOUGHT

RESENHA | REVIEW

Resenha de Rossetti, L. *Un altro Parmenide* (2017)

Review of Rossetti, L. *Un altro Parmenide* (2017)

José Trindade Santos ⁱ

<http://orcid.org/0000-0002-0631-4348>

jtrin41@gmail.com

ⁱ Universidade Federal do Ceará – Fortaleza – CE – Brasil

SANTOS, J. T. (2020). Resenha de Rossetti, L. *Un altro Parmenide* (2017). *Archai* 28, e02811.

I

Esta recensão pode ser lida como uma denúncia do equívoco dos que encaram a História da Filosofia como o invariável repositório de doutrinas e opiniões que o aparelho universitário não cessa de repetir *ad nauseam*. A obra em apreço tem como finalidade desafiar provocativamente “o caráter redutor da imagem” ainda hoje corrente de Parménides, mostrando que – como “fruto de sedimentações milenárias” (contracapa) –, ignora o poder visionário e a argúcia das descobertas contidas no saber do pensador eleático sobre a natureza.

A leitura do Poema aí proposta articula um conjunto de teses, incluindo os seus pressupostos implícitos e explícitos numa interpretação polêmica, dirigida à concepção de acordo com a qual “Parménides é o ‘filósofo do ser’” (Rossetti, 2017, p. 9), pelo fato de a doutrina acerca de “o que é” constituir o todo, ou o núcleo, da sua filosofia.

Ora, é precisamente neste ponto que reside a *crux* que aflige a generalidade dos estudiosos do Poema, condensada em diversas questões. Se para o Eleata “o ser é algo totalizante e exclusivo”, qual é o lugar da ambivalente *doxa* na sua mensagem e a que intenção visará a possível inclusão dela naquilo sobre que o jovem “terá de ser informado” (B1.28; p. 121-124)? Pois, mesmo que a referência às opiniões dos mortais – exprimindo a vigorosa condenação destas (B6.4-9, B7.3-6) –, possa não coincidir com o conteúdo da *doxa* de Parménides (o mundo das “coisas que agora são e, em seguida, depois de se terem nutrido, lhes acontecerá morrerem” – B19.1-2; p. 126), nesta “doutrina *peri physeôs*” Parménides inclui teses que expressam intenções suas originais sobre diversos domínios. Do que delas se segue alguém poderá concluir que “o tema do ser [...] não constituiu senão um, entre tantos outros dos seus ensinamentos” (p. 64-65).

Vejam-se (p. 34-50):

- no domínio da astronomia, a reflexão sobre o “éter” e sinais que há nele, o Sol e os efeitos da luz solar e sua proveniência (B10); a natureza da Lua, de cara voltada

para o Sol, e o céu que a circunda (B10, B14, B15); como o céu se originou (B10) e a Necessidade ligou os astros e os constrangeu a observarem limites bem precisos (B10); a Terra e o “leite celeste” e o calor dos astros (B11); a defesa de as estrelas da manhã e da tarde serem o mesmo astro (Aécio: DK28 A40: p. 40; 34-35);

- no domínio da fisiologia, o funcionamento dos sentidos e a natureza humana (B16); a fecundação e geração dos corpos: B17-18; p. 54-61);
- noutros domínios, outras temáticas, cuja relevância não é diminuída pelo fato de não serem enquadráveis em áreas específicas do conhecimento (p. 61-64).

Vejam-se ainda (p. 50-55) ousadas conjeturas como: a atribuição da forma esférica à Terra (B14), a tese de que “o Sol completa o seu percurso passando debaixo da Terra” (B14-15; p. 51; vol. 2, p. 19-20), a existência dos antípodas (p. 51; vol. 2, p. 33-62), o assinalar da tendência para os corpos situados sobre a superfície da Terra caírem para o centro, implicando a ausência de “acima” e “abaixo” absolutos; a existência de “faixas climáticas” (vol. 2, p. 52-55).

Esta enumeração bastará para prenunciar a iminência de um conflito entre duas visões do Poema: de um lado, as “descobertas científicas” encontradas – de algum modo referenciáveis à *doxa* –; do outro, a hegemonia inequivocamente conferida à doutrina do ser.

Embora a violência desta concepção hegemónica deva ser atribuída outros, nomeadamente a Melisso (p. 108-113), a Platão e à diversificada tradição que com ele se inicia (médio e neoplatônica), responsável pelo contraste entre elas será o próprio Parménides (B6, B7, B8.50-61). E isto, não tanto pela sua proposta de duas leituras distintas da realidade – se, de fato, o são –, mas por não ter apontado a relação de uma com a outra. Esta observação leva-nos a prestar atenção à estrutura do Poema, considerando o modo como os diversos argumentos que o integram nele se acham distribuídos.

O capítulo 2 responde à pergunta: “Que saber caracteriza o segundo *logos*?” Considerando os saberes elaborados pelo Eleata,

inquire sobre o seu potencial inovador. Lendo a *doxa* como um diálogo com Anaximandro (ver a doxografia do Milésio) e outros cosmologistas, configura este saber como “o primeiro passo, decisivo, em direção à ontologia” (p. 87), considerando-o “um saber incômodo, bem depressa posto de lado” (pelas doutrinas dos pluralistas: p. 81).

O capítulo 3 (p. 93-117) começa por referir-se a um Parménides “astrónomo”, “geólogo” e “biólogo” – não menos que filósofo –, para se concentrar sobre a divisória que separa a “Verdade” da “*doxa*”. Termina se interrogando sobre se deve se entender como a “filosofia da Parménides”.

Passos de charneira, fórmulas de transição e raciocínios metadiscursivos.

A seção dedicada aos seis ou sete passos de charneira que o A. destaca, (p. 159-160) começa pela enumeração dos índices metadiscursivos usados no Poema: (“escuta atentamente” (B1.28), “começarei por ensinar-te A ...” (B1. 29-32), “te digo quais estradas” (B2.1-2), “há muitos sinais ...” (B8.3-4); “acabado o ensino de A, ...” (B8.50-52), “agora te desvelarei ...” (B10-11), até “e assim ficam as coisas ...” (B19: 159), assinalando depois o, na época, raro uso de fórmulas de transição quando o argumento muda (p. 160). A finalidade destes passos é organizar o material que será exposto (p. 160-161), desenvolvendo um modelo estrutural de fixação e transmissão de conteúdos (ver: p. 61-64; vol. 2, p. 113-148).

Para muitos comentadores, B1.29-32 articula as duas seções do Poema que a tradição designou ‘Verdade’ e ‘Opinião’ (B2-B8.50, B8.51-B19). O A. discorda, encontrando diferenças estruturais entre este final de B1 e B8.50-51, lhes conferindo um tratamento diferenciado e levantando problemas de natureza distinta.

A segunda transição é inquestionável e acha-se perfeitamente marcada (B8.50-51). A outra é, contudo, objeto de debate, sendo contestada pelo A., que não crê que o segundo *logos* (o saber sobre a natureza) possa ser anunciado de forma tão reducionista (p. 121-129).

Por um lado, defende que a transição abrupta da Verdade para a Opinião (*en tõi soi pauô*: B8.50a), aliada à circunstância de “a deusa não voltar ao argumento do ser”, mostra que esse não-retorno a *to eon* “evita que o seu potencial se destacasse” “deixando inconclusiva a ontologia de Parménides” (p. 99). Por isso, este complexo “não originou *nenhum* material sistêmico, nem deu lugar a nenhuma doutrina dotada de virtualidades sistêmicas” (p. 114). Tendo se configurado como uma inconsciente e não intencional “filosofia virtual” (p. 21, 115, *passim*), acabou “dando lugar a implicações sistêmicas”, porém, “não só dezenas de anos depois, como, por iniciativa de outras mentes” (p. 115).

Por outro lado, e pelo contrário – apesar de a ambas as formulações ser comum o caráter paratático (exposição sequencial: “A depois B”) –, o passo B1.28b-32 é gerador de confusão, pois, a realidade ficaria dividida em “ser e *doxai*” (acrescendo que todo tipo de ‘opiniões’ – as do vulgo e as do “homem sabedor” – ficariam na mesma categoria: p. 101-102, 122-123).

A dificuldade foi objeto de análises por diversos intérpretes. Por exemplo, confirmando Cordero, Bredlow advoga a distinção das “opiniões dos mortais e das teorias físicas” (p. 125). Mas o recurso a Simplício (*Cael.* 558.3-11) leva o A. duvidar do mérito da proposta, recomendando fortemente “a abstenção” do intérprete e reforçando a “debilidade” de B1.28-32 (p. 127-128; 146-157: onde o Proémio é recontextualizado numa “Retrospectiva”, na qual, mediante o recursos a outros comentadores, o conteúdo mítico de B1 é revalorizado).

No capítulo 4 – “Parménides e o irracional” (p. 119-157) –, o A. examina pontualmente alguns passos problemáticos. (B6, B7 e B8.38b), no que diz respeito à relação entre “o saber do ser” e o da “natureza”, ou à sua ausência, bem como às implicações da “debilidade” que esta ausência constitui. No entanto, nos fragmentos da “Verdade” em que “opiniões dos mortais” são avaliadas (p. 129-135), a análise oferecida pelo A. não diverge significativamente das leituras correntes destes passos (não essenciais para o objetivo de revalorizar o saber naturalístico de Parménides: p. 135).

Sempre em relação com a contaminação de “é” por “não é”, é conferida atenção a B8.38b-41. Mas dela sai reforçada a conclusão já manifesta de em nada o texto poder “estabelecer uma ponte entre ser e mundo real” (p. 139). E a incomunicabilidade entre um e outro é confirmada pela assunção da inexistência de quaisquer elementos de ligação entre o primeiro e o segundo *logos* (p. 140-143), ainda reforçada pela não manifestação de elementos que permitam, neste último, estabelecer relações com o saber do ser (p. 143-146).

II

Contrastando com a diversidade temática do I volume, que integra capítulos com funções e abordagens bem distintas na economia da Obra, o II é quase todo dedicado ao aprofundamento do saber *Peri physeôs* de Parménides. É prestada detida atenção ao enquadramento dos fragmentos analisados num amplo contexto doxográfico, oportunamente apoiado por frequentes referências bibliográficas.

Começando com “A Lua segundo Parménides (em B15)” (p. 15-32), são depois abordados: “Na origem da noção de antípodas (em sentido inverso, de Platão a Parménides)” (p. 33-62); “Patrimônio genético e identidade sexual (em B18)” (p. 63-84), com um apêndice, “Fecundação e geração segundo os médicos hipocráticos” (p. 85-96); “Direita-Esquerda e tantas figuras femininas” (p. 97-112).

Retornando à temática relativa à demonstração, se chega então a uma análise da argumentação desenvolvida em B8 “A arte da demonstração (em B8.1-33)” (p. 113-147). A ele se segue um extenso e bem articulado “Epílogo” (p. 149-184), em que é esboçado um conjunto de questões geradas pelas teses desenvolvidas na Obra. A ele se sucedem as “Referências bibliográficas” (p. 185-199) e o “Índice dos nomes” (p. 201-206).

Após a enumeração dos fragmentos dos Poema em que é feita referência à Lua (B10.4-5, B14, B15), o capítulo 5 (na sequência dos quatro que integram o I volume) concentra-se em duas questões. A primeira respeita à análise da doxografia, relativamente às variantes

“*pseudophaê*” (“falsa luz”: Aécio, em DK28 A42; ver Diógenes Laércio 2.1, Anaximandro, DK12 A1) e “*pseudophanê*” (“falso esplendor”: Aécio 2.30.4, DK28 B21). O interesse da questão reside na atribuição à Lua de alguma luz própria, em *pseudophaê*, contra a explicação do luar como reflexo da luz solar, em *pseudophanê*.

Esta última possibilidade, em particular, é reveladora da imensa importância de B15 no grupo das referências do Eleata à Lua. “Sempre voltada e pronta aos olhares do Sol” atesta a profundidade da intuição de Parmênides ao compor, na observação da Lua, simultaneamente, as perspectivas, da Terra, no luar, e do Sol (iluminada por uma “luz estrangeira”: B14). A partir desta constatação, apoiando-se em A. Mourelatos (“Parmenides, Early Greek Astronomy and Modern Scientific Realism”), o A. expõe as oito principais consequências de B15 para a Ciência Grega, das quais se destacam:

1. A Lua tem forma esférica;
2. É um corpo sólido, por si, opaco;
3. [No seu movimento] passa sob a Terra;
4. [No seu movimento] o Sol passa sob a Terra;
5. As órbitas dos corpos luminosos não são arcos, mas círculos completos.
6. A órbita do Sol é maior que a da Lua

O capítulo 6, na sua maior parte, consiste numa ampla pesquisa sobre textos de diversos autores antigos, cuja finalidade é fortalecer a conjectura de acordo com a qual a noção de ‘antípodas’, bem como a teoria sobre as zonas climáticas, estão pelo menos implícitas em Parmênides. A partir de dois passos do comentário de Proclo ao *Parmênides* platônico, aos quais é agregada a única utilização do termo nos diálogos (*antipous*: *Tim.* 63a3), a pesquisa é sucessivamente alargada a Aristóteles, Eratóstenes, Lucrécio, Cícero e outros, relativamente aos climas e à forma da Terra.

Os dados compilados podem então convergir no Eleata mediante o recurso a numerosas outras fontes doxográficas (nomeadamente a Estrabão, *Geogr.* 1.84: DK28 A44a, cuja posição é amplamente comentada: p. 53-56; e Aristóteles, *Meteor.* 2.5, 2.7: p. 41-44, 56-59). Podemos talvez supor que remonte a Parménides a circulação na doxografia de uma teoria sobre a existência de três zonas climáticas: uma temperada, limitada a sul por uma tórrida, e a norte por outra, fria. A teoria é reforçada pelo registro de observações sobre a variação na direção das sombras ao viajar para Sul.

Embora seja integralmente dedicado a B18, o capítulo 7 aborda uma conjunto de teses cuja discussão se prolonga nos seguintes, incorporando um “Apêndice” (da autoria de Franco Giorgianni). Depois de uma introdução, justificada pela circunstância de nos encontrarmos perante uma tradução latina do original grego, do séc. IV d.C., realizada por Célio Aureliano (p. 63-67), o A. aborda a primeira tese a debater: para a fecundação, macho e fêmea concorrem (Censorino: DK24 A13), ou não (Ésquilo, *Eum.* 658-666; Eurípides, *Or.* 552 ss.; Aristóteles sobre Anaxágoras: GA 4.1 763b30: DK59 A107, *passim*), com dois patrimónios genéticos distintos?

De acordo com a primeira tese, da fusão dos patrimónios genéticos presentes nos dois espermatozoides resulta, quando tudo corre bem, uma *virtus* que vai determinar a formação do feto de uma fêmea ou de um macho, preservando o equilíbrio (B18.1-3). Quando não corre bem, contudo, e os dois patrimónios guerreiam um com o outro (*ibid.* 4-6), devido a uma incerta identidade sexual, podem ocorrer: seja a manifestação de comportamentos homossexuais, seja casos de hermafroditismo (H. Diels, M. J. Henn), seja a incapacidade para decidir qual das duas interpretações aceitar (Tarán). Uma outra explicação para a determinação do sexo do feto reside na possibilidade de, da perspectiva de B17, aquele se formar à direita ou à esquerda do útero, gerando machos ou fêmeas (Lactâncio: DK28 A54; E. Lesky, O. Kember, G. Lloyd).

O breve apêndice “Fecundação e geração segundo os médicos hipocráticos” analisa a teoria atribuída a Parménides, atrás exposta, detendo-se sobre as “Provas a favor da existência de um contributo

feminino para a geração” (p. 86-89). Passando à “Teoria do duplo sêmen” (p. 89-91), evidencia a “Difusão entre os médicos hipocráticos da teoria do sêmen feminino” (p. 92-94), em particular a do “duplo sêmen”, que acentua a prevalência do “poder do número” sobre a eventual “força” ou “fraqueza” do sêmen (*Geração/Natureza da criança* 6.2; ver cap. 4.1).

Com uma nota conjectural (p. 107-111), o capítulo 8 encerra o trajeto esboçado por B17-18 em torno de questões de gênero, emergentes das problemáticas da fecundação e da geração dos seres humanos. Notando a abundância de referências ao gênero feminino – começando em B1 com as “éguas” (v. 1, 4, 15, 21, 25) e continuando com as “jovens” (v. 5, 15, 21) “filhas do Sol” (9), condutoras do carro que transporta o “jovem” (v. 24) “homem sabedor” (v. 3), culminando na presença da “deusa” (v. 3, 22) que o acolhe, e a presença desta divindade cósmica –, o A. sugere o interesse de Parmênides pela “valorização do feminino”. A menção “da divindade que tudo governa, rainha absoluta do odioso parto e do coito”, que impele macho e fêmea um para o outro (B12.3-6), “põe em evidência o protagonismo da componente feminina” (p. 106), apontando o Eleata como “o primeiro [...] entre os intelectuais capazes de perceber nitidamente a exigência de se descondicionar do machismo e deixar entrever uma bem diversa ideia sobre as relações de gênero” (p. 111).

Com a entrada no capítulo 9, caímos diretamente na polêmica entre os intérpretes que vêm no *Da natureza* um tratado de Lógica, ou ao menos um seu precursor, e aqueles que não acham no texto “inequívocos traços de formalização dos enunciados” (p. 113). Dos primeiros, o A. faz diversas citações, que de seguida questiona, inquirindo de que construções lógicas constituem o prelúdio (p. 119) e propondo como paradigmas obras de Górgias (DK68 B3) e os fragmentos 1, 7 e 8, de Melisso (p. 120-123).

Passa então, pelo elenco dos conectores relevantes (p. 124), a enumerar exemplos de “relações hipotáticas” e do princípio “*quod erat demonstrandum*” (p. 123 ss.). Após a apresentação da lista de *demonstranda*, é construída uma cadeia inferencial, periodicamente

selada com expressões equivalentes ao *QED* dos matemáticos (p. 132), conducente à “formalização de um percurso inferencial, *mos Euclideanum*” (p. 133). O objetivo é conceder à audiência o *direito* ao acordo, em contextos fortemente contraintuitivos, delineando um *modelo* argumentativo, exemplificado nos textos atrás referidos de Górgias e Melisso (p. 134-142; ver vol. 1, p. 108-113).

No sentido da influência exercida sobre Górgias – penso –, Parménides poderá ser visto como “um mestre da retórica”, que “constrói discursos com alto quociente epistêmico”, “que suscitam a aprovação da audiência” (p. 143). Expressa como uma submissão, esta é, mediante a colocação da “persuasão ao serviço da verdade” (B2.4; p. 145), surpreendentemente “vista como gratificante” (p. 143-144). Este *efeito retórico* (p. 143) é obtido pelo recurso à *reductio ad impossibilem*, através do uso “sistemático da ideia da total insustentabilidade daquilo que é contraditório” (p. 146).

No Epílogo (p. 149-183), passando em revista as principais teses desenvolvidas ao longo da Obra, o A. articula um conjunto de questões que delas decorrem:

1. É evidentemente necessário alterar a “imagem de Parménides” que a tradição nos legou. Por um lado, porque “a doutrina do ser *não* chega a configurar-se como um ensino dotado de virtualidades sistêmicas”; por outro, por ser mister reconhecer que “o ensinamento de Parménides sobre céu, Terra e organismos vivos é mais articulado do que a comunidade científica tem até agora reconhecido” (p. 149).

2. Registrando a dificuldade de integrar a doutrina do ser no todo do Poema, deve se constatar que, após B8.50, “do saber sobre o ser [...] a deusa *nada faz*, quase como se não soubesse que fazer dele” (p. 157).

3. Por isto, é altura de reconhecer que foi Melisso quem não se deteve no ponto em que a deusa parou, sustentando que: “‘se a terra, o ar, a água, o fogo’, etc., ‘fossem de verdade, não se transformariam’ (DK30 B8.2-5), portanto, ‘que deveriam ser como eu digo que o uno é’” (*ibid.* 7; p. 163). Deste modo, “começamos a compreender como Parménides pode acolher sem dificuldade no Poema o saber

naturalístico, enquanto Melisso se desembaraça dele a ponto de lhe não fazer menção” (p. 164).

4. A pergunta sobre o modo como se chega ao primado de “é” – ou de “o que é” – começa por apontar para a justificação em que se apoia para rapidamente se fixar na “potência da proibição de se contradizer” (p. 165; B7.1). “Se X é, então seguramente de X não pode se dizer que não é, porque apenas dissemos que é. Se X não é, então seguramente de X não pode se dizer que é, porque apenas dissemos que não é”, sem qualquer possibilidade de coabitação, ou de combinação entre “é” e “não é” (p. 166).

Esta obrigação de *pensar sob a ameaça da contradição* gera um ente de razão *ante litteram*, vivendo numa terra de ninguém, que *não tem modo de por-se em reação com o mundo em que vivemos [...]*. Com isto nos avizinhamos de toda ontologia [...]. (p. 167-168)

5. Sobre o alcance das propostas do Poema, há que reconhecer que se trata de um ponto de chegada, que “põe à disposição *da humanidade* uma modalidade inédita de organização e objetivação de ideias [...]” (p. 168-169). Esboçado “um segundo inventário das ideias filosoficamente relevantes”, colhidas nos setenta e cinco hexâmetros estudados (p. 169-171), o A. dá conta que delas resultam duas “conspícuas primícias”, duas artes: “da demonstração” e “da comunicação” de um saber estruturado, capaz de convencer, de uma “arte de ensinar”, condensando conjuntamente “retórica, lógica, didática e especulação”, uma “máquina que não funcionaria se os seus componentes não concorressem de modo apropriado ao conseguimento de um resultado final” (p. 172).

6. Ameaçando a estabilidade deste constructo, o A. nota dois ou três “fatores de fragilidade encontráveis na doutrina do ser” (p. 173-177). O primeiro, motivado pela circunstância de o termo ‘ser’ ser refratário à análise, explica que se circunscreva ao uso de uma categoria profissional: a dos “filósofos” (p. 174-175). Nascem desta constatação duas ingentes perguntas: 1. Estamos seguros de que à palavra corresponda uma realidade? 2. Ou podemos afirmar que

Parménides nos revelou uma Grande Verdade? Como se explica que para falar de *to eon* a deusa tenha recorrido à negação, que ela mesma interditou? (p. 175). Com isto, a deusa edificou um “‘ente de razão’, mas ‘deixou ficar’ a realidade” (p. 177).

7. Haverá uma “filosofia de Parménides”? Tiveram de “passar séculos para que se começasse a falar de uma ‘filosofia de Parménides’”, pois Platão, Aristóteles, Teofrasto e muitos outros se referem aos seus ensinamentos, sem neles encontrar “a sua filosofia” (p. 178). Esta será uma “filosofia virtual” que mal conseguirá dizer “que ideia fará Parménides do nosso mundo”. Faltando à teoria o se achar ancorada na realidade e o desenvolvimento do potencial sistêmico, “restam apenas dados de fato” (p. 179).

Quanto à noção de ‘verdade’, pode se dizer que no Poema o termo se mostra a par de uma variedade de expressões associadas. “Em particular, o percurso demonstrativo parece ser regido pela tentativa de dizer que a contradição do não-ser serve para discriminar impecavelmente o verdadeiro e o falso. Mas falta compreender se o tema da verdade se constitui como uma ideia-guia, ou se tomou a forma de um embrião de epistemologia *ante litteram*” (p. 179-180).

8. Talvez a mais surpreendente conquista do saber de Parménides esteja condensada no modo como da sua *polymathia* deriva uma lição de método. Pois, cada uma das descobertas atrás referidas implica uma rede conceitual profunda, inacessível ao comum dos mortais, como será evidente pela atualidade de algumas das suas descobertas (p. 181-182).

III

Em breve avaliação, considero essencial a atenção concedida a esta Obra por quantos – na docência ou na pesquisa – se confrontam com a necessidade de apontar o contributo de Parménides para a Filosofia. Parece-me urgente que não fiquem indiferentes à denúncia da inautenticidade da imagem do pensador que a prática corrente divulga. Tendo o juízo sobre o mérito comparativo das leituras “ontologista” e “naturalista” do Eleata de ser feito por cada um, é

capital que o façam com o conhecimento de causa que esta Obra substancia.

Dito isto, estaria tudo dito, se a questão fosse fácil. Mas não é, porque a imagem de Parménides que ficou na tradição, como o Diels-Kranz a registra, está focada no “filósofo do Ser” (basta referir a conjetura “afasto” – B6.3b – e os “meros nomes”, de B8.38b). Mas pensemos em Melisso, em Platão – para quem o ser é a “verdadeira realidade” – e em Aristóteles – para quem não é –; em Plotino e na linhagem que dele deriva. Ora, como entender o lugar do Eleata, nos diálogos de Platão, ou, na *Física*, de Aristóteles (A2-3), sem as teorias da “unidade e imobilidade do Ser”? Como entender estas obras sem *encontrar* no Poema as teses que as motivam?

A incompatibilidade da teoria do ser com o saber naturalístico leva-nos a atribuir ao Eleata uma teoria que ele nunca defendeu, ao custo de ignorarmos os saberes que fixou com as suas próprias palavras. Mas era impossível que assim não fosse, já que o ‘Parménides’ que a História da Filosofia fixou existe sobretudo, se não apenas, nas obras dos que o comentaram (vol. 1, p. 115), ficando o silêncio dos pluralistas como testemunho da quase nula atenção prestada ao seu saber sobre a natureza (vol. 1, p. 91).

Não é, porém, caso para desesperar, pois deverá haver uma diversidade de soluções para o *conundrum* criado pelo intransponível obstáculo que o argumento da “Verdade” opõe a qualquer outra forma de saber.

Seja como for, não é este o lugar para as propor.

Bibliografia

ROSSETTI, L. (2017). *Un altro Parmenide*. 2 Vols. Bologna, Diogene Multimedia.



Este é um artigo de acesso livre distribuído nos termos da licença Creative Commons Attribution, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o trabalho original seja citado de modo apropriado.